

BC aumenta de um ano para dois o prazo para empréstimos externos de empresas

Medida visa a controlar o fluxo acelerado do ingresso de dólares no país

27 FEV 1998

Gustavo Freire, Leandra Peres
e Marcelo Aguiar

• BRASÍLIA e RIO. O Banco Central aumentou ontem o prazo mínimo para que as empresas brasileiras peguem empréstimos no exterior. É uma tentativa de controlar a entrada de dólares no país, que está com fluxo muito acelerado e já elevou as reservas internacionais em cerca de R\$ 5 bilhões este mês, segundo estimativas do mercado financeiro. A partir de segunda-feira, as empresas que quiserem emitir papéis no exterior terão o prazo mínimo aumentado de um ano para dois anos. Nas operações de renovação de empréstimos, o período para resgate dos títulos também sobe, de seis meses para um ano.

— A mudança nos prazos tem a intenção de ajustar a entrada de recursos. Queremos manter um fluxo razoável de captações compatível com a política monetária — justificou o chefe do Departamento de Capitais Estrangeiros (Firce) do BC, Fernando Gomes.

Os novos prazos não têm data para serem alterados. Segundo o chefe do Firce, o BC vai monitorar os pedidos de captação e rolagem de dívidas externas e poderá voltar a aumentar os prazos

quando considerar adequado. As empresas que apresentarem propostas de operações externas até amanhã ainda poderão fazer as emissões com prazos de um ano para novas colocações e de seis meses para as rolagens.

Segundo Fernando Gomes, a decisão de aumentar os prazos mínimos dos empréstimos externos foi tomada depois de o BC detectar melhora nas condições de captação do Brasil no mercado financeiro internacional. Mas, na avaliação da diretoria, o mercado ainda não está maduro o suficiente para que os prazos mínimos voltem aos três anos que vigoravam antes da crise na Ásia.

Mercado já esperava que os prazos fossem ampliados

O fluxo de entrada de dinheiro externo no país este mês deixa o Governo em situação confortável para diminuir as facilidades oferecidas para quem pega financiamento no exterior. O país vai fechar o mês com crescimento de mais de US\$ 5 bilhões nas reservas cambiais, que já se aproximam da casa dos US\$ 60 bilhões. Esse é o patamar em que estavam antes de a crise estourar na Ásia. Até quarta-feira, o saldo total era de US\$ 4,9 bilhões, resultado da

O GLOBO

entrada líquida de US\$ 5,9 bilhões no câmbio comercial e financeiro e da saída de US\$ 1 bilhão no mercado de taxas flutuantes.

Dado mais animador ainda foi divulgado há uma semana, quando o BC informou ao mercado que 55% do capital que tinha entrado na primeira metade do mês eram destinados a investimentos diretos e em ações. Trata-se de dinheiro de prazo mais longo e qualidade melhor do que o que aporta no país atrás das altíssimas taxas de juros de curto prazo. O fluxo, então, se mostrou mais consistente do que o BC esperava.

O mercado já esperava aumento nos prazos mínimos para os empréstimos. O fato de os prazos não terem voltado ao que eram antes da crise foi bem recebido. Significa que o Governo deu sinal de que as coisas estão melhorando, mas ainda não considera a crise superada.

O mercado também reviu sua expectativa a respeito das taxas de juros para março. Se o dinheiro é de prazo mais longo, então o Tesouro e o BC não precisam pagar tão caro para atrair capital externo. A Taxa Básica do BC (TBC), apostam os analistas, cairá de 34,5% para 30,5%, o maior corte feito desde a crise na Ásia. ■